

EDITORIAL*

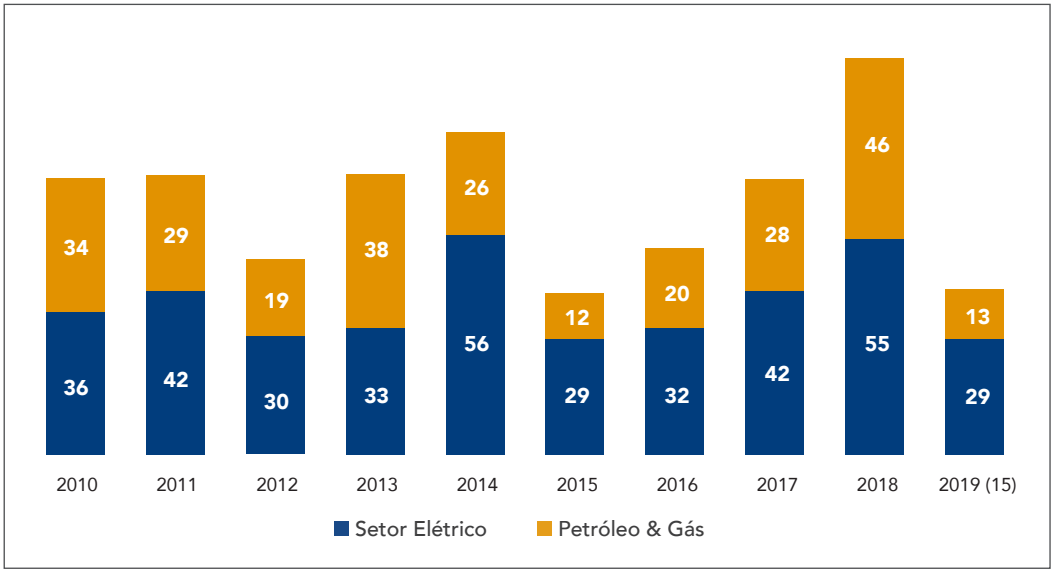
Fusões e Aquisições (M&A) no setor energético

O mercado de energia brasileiro está aquecido para a realização de negócios de fusões e aquisições (M&A, na sigla em inglês), envolvendo tanto as empresas do setor elétrico como as do mercado de petróleo e gás. As movimentações deste tipo são favorecidas pelo ambiente político mais estável e por mudanças regulatórias no setor energético, com estímulo às privatizações, desinvestimentos de estatais e a ocorrência de novos leilões de petróleo e energia elétrica.

Em 2018, o setor de óleo e gás brasileiro registrou o número recorde de 46 fusões e aquisições, enquanto as 55 movimentações do setor elétrico ficaram abaixo apenas das 56 movimentações registradas em 2014, em um horizonte de uma década. A Figura 1 mostra o volume de negociações ocorridas desde 2010, de acordo com dados da consultoria KPMG (2019)[1].

[1] KPMG. Fusões e Aquisições. 2019 – 2º trimestre. Disponível em: https://home.kpmg/br/pt/home/insights/2019/09/fusoes-e-aquisicoes-2-semestre.html

Figura 1: Histórico de fusões e aquisições no mercado de energia brasileiro, por setor, desde 2010



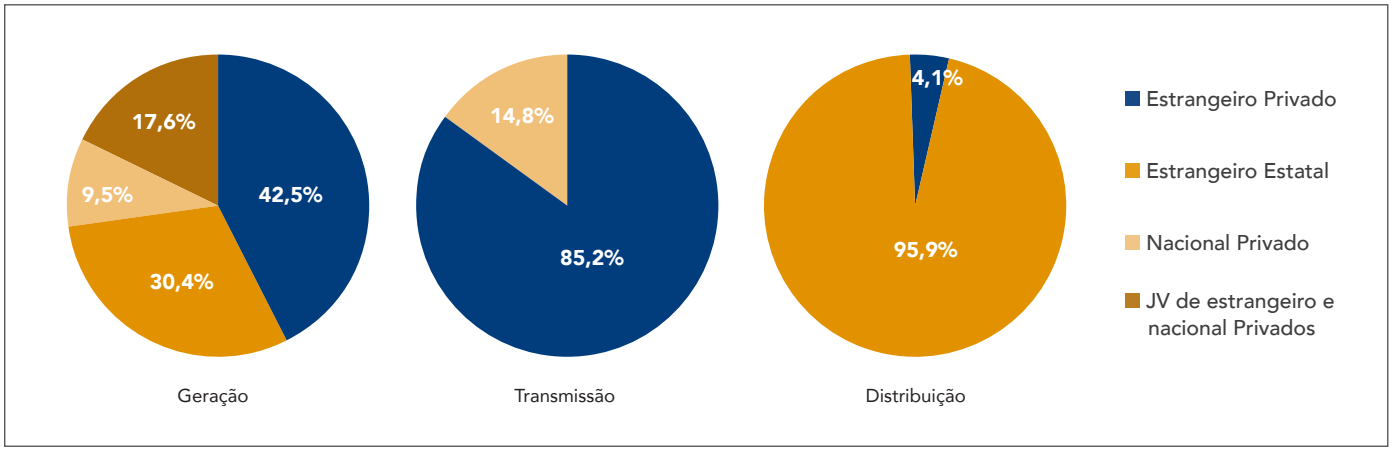
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de KPMG, 2019

Entre janeiro e junho de 2019, foram realizadas 29 operações no setor elétrico, um crescimento de 71% em relação às 17 negociações ocorridas no mesmo período de 2018. A maior parte dos negócios fechados nos seis primeiros meses do ano englobam a compra e a venda de ativos de geração de energia renovável, notadamente das fontes eólica e solar[2]. Vislumbrando que as movimentações de fusões e aquisições devem acelerar ainda mais no segundo semestre, uma vez que o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou regras de privatização de estatais, a KMPG estima que o ano termine com 60 transações do tipo. A consultoria avalia que há uma tendência crescente de movimentos corporativos em busca de projetos de energia limpa, não apenas pela garantia de suprimento próprio a preços competitivos, mas também pela questão da imagem positiva que essas transações trazem para as companhias compradoras. As fusões e aquisições no setor elétrico refletem o movimento intenso de petroleiras e grandes consumidores de energia, como mineradoras, de investimentos em projetos de geração de energia renovável[3].

Um estudo do Grupo de Economia da Infraestrutura e Soluções Ambientais (GEI-SA) da FGV (Oliveira *et al*, 2018)[4] aponta que existe uma forte presença internacional nas fusões e aquisições no setor elétrico nacional (Figura 2). Nos últimos anos, essas empresas estrangeiras foram as principais compradoras de ativos de geração, transmissão, distribuição e comercialização de eletricidade.

2 Disponível em: https://www.canalenergia.com.br/noticias/53112255/kpmg-fusoes-e-aquisicoes-na-area-de-energia-devem-bater-recorde-em-2019
3 Disponível em: https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/02/20/fusoes-e-aquisicoes-no-setor-eletrico-devem-continuar-intensas-em-2019.ghtml
4 Disponível em: https://gei-sa.fgv.br/sites/gei-sa.fgv.br/files/u49/go_estudo_concorrencial_energia_fgv.pdf

Figura 2: Participação dos tipos de capital comprador no valor das fusões e aquisições por segmento do setor elétrico – 2016 a 2018 (R$ bilhões)



Fonte: Oliveira *et al*, 2018

No setor de petróleo e gás, o número de fusões e aquisições recuou 70% no primeiro trimestre deste ano em comparação com o mesmo período no ano passado, segundo dados da KPMG. Foram sete negócios fechados nos primeiros três meses de 2019 contra 24 no primeiro trimestre de 2018[5]. De acordo com a consultoria, a diminuição nas transações reflete a ausência de leilões no período e a discussão dos processos de desinvestimento da Petrobras, que foram parar no STF. Contudo, com a realização dos leilões programados para este ano e o programa de desinvestimentos da estatal brasileira, a previsão é que o mercado volte a aquecer no quarto trimestre. Outro fator que deve estimular novas operações do setor petrolífero é a integração cada vez maior desta indústria com o setor de renováveis e os leilões de usinas termelétricas.

Especificamente no mercado de gás natural, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) firmou acordo com a Petrobras para a venda de ativos, reforçando as oportunidades associadas à saída da Petrobras do mercado de transporte e distribuição de gás. O acerto prevê a saída total da estatal do mercado de transporte e distribuição de gás natural, em troca do órgão encerrar três processos contra a estatal por conduta anticompetitiva nesse mercado.

Em 2017, a estatal Petroleira se desfez de importantes ativos do setor de transportes de gás passando 90% da participação da NTS para um fundo gerido pela Brookfield Brasil Asset Management, por US$ 5,08 bilhões. Ainda foram vendidos 90% da TAG para o consórcio formado por Engie e o fundo canadense Caisse de Dépôt et Placement du Québec (CDPQ), por R$ 33,5 bilhões (algo em torno de US$ 8,6 bilhões), incluindo os R$ 2 bilhões destinados à liquidação de dívidas com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

As transações de fusões e aquisições no setor de energia elétrica também foram intensas no mundo, alcançando um volume total de US$ 158 bilhões em 2018. Apesar de o valor ser o segundo maior nos últimos cinco anos, o número de negócios registra-

[5] Disponível em: https://petroleohoje.editorabrasilenergia.com.br/fusoes-e-aquisicoes-recuam-70-no-trimestre/

dos diminuiu de 651 para 622, entre 2017 e 2018, de acordo com a GlobalData (2019)[6]. Segundo a análise da GlobalData, o segmento de energia solar registrou o maior número de operações, seguido de transmissão e distribuição (T&D), energia eólica, combustíveis fósseis e hidroeletricidade. A empresa também destaca que, nos últimos anos, a indústria de energia elétrica viveu uma transição para a geração de energias limpas e que as negociações de M&A envolvendo energias renováveis tendem a aumentar nos próximos anos.

A indústria global de óleo e gás registrou cerca de dez mil operações de M&A entre 2014 e 2018, das quais mais de 60% no setor de *upstream*. O relatório da GlobalData[7] revelou que a queda das receitas e o crescimento das dívidas das petroleiras as levou a realinhar os seus objetivos estratégicos e redefinir seus portfólios, levando a um aumento do número de fusões e aquisições.

O **Boletim de Conjuntura do Setor Energético da FGV Energia** deste mês traz uma análise acerca dos movimentos de fusões e aquisições no setor energético, que estão ocorrendo em função dos momentos vividos tanto pela indústria de energia elétrica quanto pelo mercado de petróleo e gás. Na primeira coluna deste mês, Gesner Oliveira e Pedro Henrique França, da GO Associados, discutem sobre o equilíbrio competitivo nas privatizações do setor elétrico brasileiro. A segunda coluna, de autoria dos membros do TCU Guilherme Pereira Souto (auditor federal) e Alexandre Carlos Leite de Figueiredo (secretário), aborda o papel do Tribunal de Contas da União nos processos de desinvestimentos da Petrobras, enquanto Daniel Lamassa, Fernanda Delgado e Pedro Neves, da FGV Energia, discutem, no terceiro texto, os resultados das movimentações no setor petrolífero nacional, com os leilões, desinvestimentos da Petrobras e o Novo Mercado de Gás.

6 Disponível em: https://www.globaldata.com/global-power-ma-market-remained-strong-in-2018-with-transaction-volumes-reaching-us158bn/

7 Disponível em: https://www.globaldata.com/oil-price-volatility-driving-ma-activity-in-oil-and-gas-industry-in-recent-years-says-globaldata/

* Este texto não deve ser citado como representando as opiniões da Fundação Getulio Vargas (FGV). As opiniões expressas neste trabalho são exclusivamente da equipe de pesquisadores do grupo FGV Energia.